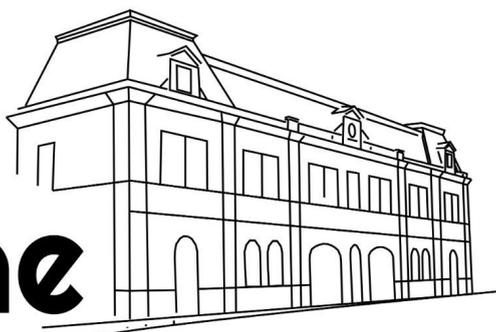


# Arche



Revista Discente de Arqueologia  
Universidade Federal de Rio Grande

## O URBANO A SERPENTEAR A AMAZÔNIA: INTERSECÇÕES ENTRE ARQUEOLOGIA E ARQUITETURA VERNACULAR

Newan Acacio Oliveira de Souza<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre aproximações entre o fazer arqueológico e habitações de caráter vernacular, buscando intersecções entre tais áreas do conhecimento (Arqueologia e Arquitetura). Os eixos argumentativos estruturam-se nas possibilidades interpretativas dos espaços construídos e compreendidos, estes enquanto participantes da trama da vida social dos mais diversos grupos. Com enfoque nas palafitas construídas nas regiões urbanas da Amazônia, em especial nas cidades de Santana e Macapá (AP), trata-se de seus caracteres materiais, simbólicos, citadinos e construtivos. Compreende-se a cidade múltipla, em constante movimento e imersa em fluxos temporais próprios que se sucedem na construção de suas paisagens. Essas são as cidades de uma Arqueologia do Contemporâneo e da Amazônia que se reinventa em suas próprias concepções de urbano.

**Palavras-chave:** Arqueologia; Arquitetura Vernacular; Palafitas.

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo possui um caráter exploratório em relação às possibilidades, interações e trocas no estudo das habitações. Pensando Arqueologia a partir de suas segmentações - como Arqueologia da Paisagem, Arqueologia do Contemporâneo e a Arqueologia da Arquitetura - e o que é tido enquanto o estudo da Arquitetura Vernacular, suas teorizações, práticas e metodologias próprias no que concerne às reflexões sobre habitações construídas a partir de regimes de conversação próprios. Assim, busco a intersecção entre tais conhecimentos na compreensão do fenômeno da construção conhecida como “popular”, “vernacula”, “simples” e “autoconstruída” enquanto uma temática de interesse no estudo das relações humanas e suas materialidades.

Parto do pressuposto que tais construções, com seus infinitos *objetivos*, fazem parte da trama da vida social. O interesse é como a ciência arqueológica pode contribuir para reflexões sobre tal categoria arquitetônica e suas características intrínsecas, se é que podemos

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Colabora com o *Lume* Observatório das Coisas Contemporâneas (LOCCO/FURG) e do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos da Universidade Federal de Pelotas (GEEUR/UFPel). E-mail: newansouza@outlook.com

definir suas particularidades de forma a não restringir as suas significações, a partir de novos olhares sobre a temática.

Dessa forma, este texto é dividido em duas seções, a primeira delas intitulada *Arquitetura Vernacular e Arqueologia* centrar-se-á em apresentar os principais conceitos sobre a temática das construções em ambas as áreas buscando interações possíveis. No segundo, *Arquiteturas Palafíticas*, irei rever tais aproximações a partir de uma breve revisão da produção, em ambas as áreas, acerca destas “casas” construídas sobre pilotis de madeira<sup>2</sup>. Explorando algumas realidades, em especial as palafitas presentes nas cidades do Estado do Amapá (Macapá e Santana). Tais cidades são caracterizadas pela densa presença de ocupações em regiões alagadiças em que tal técnica construtiva se faz presente. Construindo as paisagens urbanas, relações sociais e realidades socioeconômicas sobre pontes e *dualidades*, tais construções se apresentam.

## 2. ARQUITETURA VERNACULAR E ARQUEOLOGIA

Dentro do que se conhece enquanto Arqueologia da Arquitetura há a interface de análise dos espaços construídos, ou arquitetônicos, a partir de perspectivas arqueológicas. Segundo Zarankin (2005) e Copé (2007) tais caminhos são diversos, desde contextos de sociedades Capitalistas à Pré-Coloniais. Parte-se de reflexões sobre a funcionalidade de espaços e cômodos, constituintes como respostas adaptativas ou a partir das relações com os sistemas ideológicos e cosmológicos dos grupos (Zarankin, 2005; Copé, 2007). Segundo Tirello (2007), esse subcampo se constitui enquanto

Na arqueologia da arquitetura, adota-se sim exames laboratoriais para distinções elementares dos materiais constituintes, mas estes só se validam se seus resultados forem cotejados com outros dados relativos a história do edifício. E, nesta chave analítica, o conhecimento do percurso histórico de uma arquitetura solicita muito mais que a leitura de documentos escritos, velhas fotografias e desenhos. Demanda avaliações múltiplas e imbricadas para as quais concorrem o pleno entendimento das alterações estruturais, morfológicas, programáticas e ambientais havidas ao longo da vida dos edifícios, e que nem sempre são tão evidentes e lógicas quanto se desejaria (TIRELLO, 2007, p.1).

A definição da autora apoia-se nos aspectos metodológicos e possibilidades interpretativas de uma análise material. A historicidade dos edifícios, representa para a arquiteta as “alterações estruturais, morfológicas, programáticas e ambientais”. É onde se deposita sua importância. Vejamos um outro caminho conceitual, para Zarankin (2001, p. 52)

Esta pode ser definida, de maneira geral, como uma corrente de pesquisa que abarca todos aqueles trabalhos direcionados ao estudo da arquitetura de um ponto de vista arqueológico, quer dizer, centrados na análise de sua materialidade (Stedman 1996 apud Zarankin, 2001, p. 52).

O autor ainda afirma que

---

<sup>2</sup> Pilotis ou pilares estruturais (Migliorini e Sahr, 2009, p. 226) é o termo aqui utilizado para se referir, a partir da produção acadêmica em Arquitetura, acerca de um aspecto construtivo das habitações em palafitas (Nogueira, 2015; Salgado, 2019; Salgado & Carvalho, 2017, 2018; Vieira, Alfaia & Salgado, 2018; VillotaDáger, 2014). Para Carvalho (2015) essas unidades habitacionais se caracterizam “tener como principal material de edificación a lamaderaya que es barata y abundante em el Amazonas, por estoelaceso a ellastambién es realizado por puentes elaborados conmadera al igual que los pilotes utilizados como parte de laEstructura (Ibid, p.118)”.

Este tipo de abordagem, oferece uma nova perspectiva de análise para a discussão de elementos vinculados à conformação da paisagem cultural. As construções são vistas como elementos ativos, produtos culturais que interatuam de forma dinâmica com o homem (King, 1980 apud Zarankin, 2001, p. 52).

Para este autor (Zarankin), conhecido como expoente da temática no Brasil e América Latina, as considerações acerca da materialidade intrínseca estão presentes, entretanto, sua definição proporciona outras maneiras de buscarmos o papel e contextos dos espaços construídos nas dinâmicas sociais. Novas possibilidades são presentes e uma atualização das definições é necessária, assim promovendo dentro da Arqueologia os fluxos de sensações, presenças e verbalizações dos grupos sobre seus próprios espaços, lugares e paisagens.

É mister que os estudos destes espaços construídos (sejam eles materialmente e simbolicamente) são de maior aprofundamento agora do que no início do século, ao menos na realidade brasileira. Entretanto, em sua maioria, estas pesquisas focam em *pedaços da história* específicos, relacionados a *Maldição da Arqueologia - o passado*<sup>3</sup> (Reis & Cabral, 2018), sobre momentos da história recente que são marcados a partir de rupturas e violências (Baretta, 2015, 2017; Zarankin & Niro, 2009; Zarankin & Salerno, 2015) ou sobre os aspectos de dominação a eles relacionados (Costa, 2017; Zarankin, 2001).

Deste modo, cabe uma aproximação de tais metodologias e interesses de pesquisas, dentro da Arqueologia, sobre contextos contemporâneos e suas nuances. Ou seja, nas reflexões centradas na compreensão dos espaços<sup>4</sup> através das tessituras da vida cotidiana nas cidades, em um tempo que é percolante (Olsen *et al.*, 2012). Buscando essa confusão de tempos e coisas, imersas em esquemas não lineares, sobrepostos a pessoas e narrativas, que nós nos fazemos presentes (González-Ruibal, 2006).

Assim, nos deparamos com esta Arqueologia do Contemporâneo, ou como González-Ruibal (2009) nomeia, uma Arqueologia do Presente, que para este autor se funda em um processo não dicotômico entre passado e presente e que ao compreender as sociedades contemporâneas através de metodologia e teorias de cunho arqueológico se diferencia da *Etnoarqueologia* em três pontos: primeiro em não objetivar reflexões por analogias; segundo, centrar-se no estudo e interpretação de diferentes grupos sejam estes ocidentais ou não; e, o terceiro ponto em que esta forma de fazer arqueologia se funda é sua não distinção entre passado e presente (como anteriormente citado). Para este autor, a Arqueologia do Presente compreende a uma etnografia da materialidade que tem como um dos objetivos

[...] trascenderla biografía del artefacto y analizarlas intrincadas relaciones históricas entre personas y cosas. Para ello, es necesario entender a las comunidades em perspectiva y em um contexto más amplio. Las culturas que estudiamos no han permanecido aisladas e inalteradas durante milenios, por muy arcaicos que nos parezcan los atuendos, las cerámicas o las viviendas. La arqueología del presente trata de entender el cambio, el contacto cultural y la hibridación (González-Ruibal, 2009, p. 20).<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Para estes autores “Já ‘construção do passado’ aponta para a maldição indelével da Arqueologia: passado. É desta instância que a Arqueologia está fossilizada por entre os tempos que nos envolvem nos dias contemporâneos.” (Reis & Cabral, 2018, p. 36).

<sup>4</sup> Cabe uma ressalva ao se pensar essa categoria (espaço) indo em contradição às concepções fundantes do pensamento moderno.

<sup>5</sup> “[...] transcender a biografia do artefato e analisar as intrincadas relações históricas entre pessoas e coisas. Para isto, é necessário entender as comunidades em perspectiva e em um contexto mais amplo. As culturas que

Com este intuito proponho pensar acerca da análise das arquiteturas a partir de um ramo dessa ciência [Arquitetura] que pode ser essencializada em uma aproximação mais didática do que epistemológica, no enfoque a *arquitetura sem arquitetos* (Lima, 2010).

A definição conceitual do que seria o *vernacular* ou *vernacula* é um tanto difusa. Amplia-se e modifica-se a partir do arcabouço teórico-prático utilizado. Para Weimer (2006) a utilização da denominação “popular” condiz, ao menos em sua análise, com a realidade contida no que considera enquanto Arquitetura Popular Brasileira (Miguel, 2011). Segundo a arquiteta Márcia Sant’anna (2013), essas formas de construir, produzidas fora dos circuitos formais - mas que não deixam de participar de um processo de influências, sejam elas advinda dos circuitos formais quanto a influenciar os mesmos - são temas de pesquisa de outras áreas do conhecimento, mas que dentro da Arquitetura é vinculada a preservação, conservação e restauração do patrimônio edificado e/ou relacionado à informalidades dos assentamentos.

Iniciamos pensando sobre estes processos de diferenciação, “o que faz uma Arquitetura ser diferente da outra?” É mister que no campo da prática - se é que podemos separar o pensar sobre e falar sobre-, estas arquiteturas se constituem por suas especificidades sociais e técnicas. Neste campo de ideias como as tratamos? Para Henry Glassie (1990) a arquitetura é uma forma de poética, de comunicação, que transmuta e aciona de forma material aspectos culturais, inclusive que profissionais de arquitetura estão imersos. Ao tratar sobre o vernacular, Glassie nos apresenta essa categoria enquanto uma forma de compreensão de dinâmicas, já que para ele essa *tecnologia* se constrói através dos engajamentos em diferentes níveis desses processos construtos. Já sobre engajamentos me aproximação das contribuições de James Deetz (1996), em seu livro *In SmallthingsForgotten*, no qual argumenta que a produção vernacular é pensada, praticada e adaptada diretamente pela ou para a pessoa que ocupará esse espaço, entretanto a arquitetura acadêmica se desenvolve de outra forma tornando este *resultado final* “It is muchless indicative of the attitudes and life styles of the occupants of the buildings it creates (Deetz, 1996, p. 122)”<sup>6</sup>.

Como foi feito com o conceito de Arqueologia da Arquitetura, trarei dois exemplos de caminhos que, neste caso, a Arquitetura e seus produtores de conhecimento científico propõem acerca do *vernacular* ou *popular*. Começamos com a proposta pela autora Raquel Rodrigues Lima (2010) inspirada no também arquiteto, Elvan Silva (1994)

A arquitetura vernacula (sem arquitetos) tem historicamente apresentado exemplos de adequação inteligente às particularidades climáticas de diversas regiões do mundo. Caracteriza-se como uma obra com características constantes, que possui autenticidade na sua expressão, e, ao mesmo tempo complexa e conservadora, uma construção adaptada ao entorno, auto-suficiente, baixo conteúdo energético, autêntica, estrutura pequena, pode ser um sistema disseminado, resultado de produção coletiva e integração de trabalho [...]Mas o que se define como arquitetura vernacula? Segundo Silva (1994 apud Lima, 2010, p. 4), é a arquitetura sem arquitetos, anônima, também

---

estudamos não permaneceram isoladas e inalteradas durante milênios, por mais antigas que nos pareçam suas vestimentas, cerâmicas e habitação. A Arqueologia do Presente trata de entender a mudança, o contato cultural e a hibridização (González-Ruibal, 2009, p.20)”. Tradução de responsabilidade do autor.

<sup>6</sup>“menos indicativo das atitudes e formas de vida dos ocupantes das construções criadas (Deetz, 1996, p. 122)”  
Tradução de responsabilidade do autor.

denominada de espontânea ou popular. Mas mais que isso, é uma arquitetura autóctone, com expressiva identidade e resultante de uma produção coletiva de trabalho (Lima, 2010, p.4).

As considerações acima focam nas características de “projetos arquitetônicos”<sup>7</sup> com início, meio e fim relacionados às respostas adaptativas de um determinado grupo, ainda que esbocem uma ligação com aspectos identitários e que convergem em uma análise simbólica, estes são postos em um papel coadjuvante. Sendo assim, processos construtivos estritamente vinculados no que se funda enquanto a funcionalidade e objetividade dos espaços construídos ocidentais. Em contraste, o cerne da discussão para Sant’anna (2013) são as limitações propostas que vinculam tais construções a características de *autóctones* e *autônomas* que subjuguem realidades diversas das influências em contextos sociais, fundiários, políticos, culturais e religiosos que se apresentam nas realidades urbanas, por exemplo.

Ao apresentar a temática a autora foca em dois pontos importantes para se pensar tais arquiteturas, primeiramente aquelas consideradas enquanto tradicionais e que são, ao menos nos estudos das ciências sociais e sociais aplicadas, centradas a partir de seus processos de transmissão. E, além, de acordo com Sant’anna

Não menos fundamental é o estudo das formas e dos espaços produzidos por segmentos sociais menos favorecidos, em seu enfrentamento e adaptação às situações mais diversas e adversas nos meios rural e urbano. Num país que em a maior parte da arquitetura das grandes e médias cidades é resultado de construção feita ou gerida pelo próprio morador, ignorar esse universo é, no mínimo, um sinal de alienação (Sant’anna, 2013, p.41)

Um dos pontos a serem frisados é que meu intuito não se fundará na discussão das melhores nomenclaturas e aplicações acerca dos modos de construir/morar e dos processos a eles vinculados. Meu objetivo é apresentar um breve panorama sobre a riqueza de possibilidades para a atuação da Arqueologia no estudo de casas, templos e tantas outras edificações construídas a partir de outros regimes de conversação e entendimento, de categorias como Arquitetura, Design, Estética e demais, das quais acreditamos sermos detentores. E por isso, algumas problematizações de colegas (da Arquitetura) não são presentes, como definições de Arquitetura e Construção, as dicotomias nestes usos e discussões das quais necessitam de um aprofundamento maior.

As intersecções começam a se desenhar ao compreendermos os processos construtivos enquanto propulsores de narrativas. Nessas relações produzidas pelas construções - exploradas pelas suas nuances, como contextos sociais, políticos e regionais - nas pesquisas em Arqueologia, cabe pensar as paisagens. Ressalto que não é utilizar do *tradicional* na busca de explicações objetivas e historicistas sobre uma casa. É ir em busca dos diálogos e reciprocidades comunicativas (mesmo marcadas pelas desigualdades) entre humanos, não-humanos e sobre-humanos (ou *encantados*<sup>8</sup>).

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada como um sinônimo de habitações vernaculares ou populares.

<sup>8</sup>De acordo com Leite (2014), ao tratar dessa categoria em relação a Arqueologia, os *encantados* “estão presentes nas histórias sobre artefatos, nos ambientes, nos lugares permitidos e situações de restrição impostas por ‘seres da floresta’, ‘encantados’, ‘dono de lugar’ ou práticas de encantaria. Nas narrativas, esses “não humanos”, especificamente os ‘encantados’, não são descritos como santos, anjos, demônios ou espíritos de mortos (Leite, 2014, p.35)”.

Aproximando as temáticas das possibilidades do estudo em Arqueologia sobre a *autoconstrução*<sup>9</sup> acrescento ainda as discussões sobre Paisagens e Tempo Contemporâneo como aportes de ímpar interesse. É importante concentrar a discussão sobre o construído, o arquitetônico e suas facetas dentro de perspectivas não essencialistas e que se abram para as multitudes de significados. Acredito que tais *misturas* das perspectivas da Arquitetura e Arqueologia (do Capitalismo, da Arquitetura, do Contemporâneo e da Paisagem) são possíveis pontos de partida para a compreensão de tais fenômenos sociais.

A Arqueologia da Paisagem é um aporte para uma caminhada que siga no entendimento de dinâmicas não tão longínquas quanto aquelas comumente vistas na Arqueologia, ou seja, sobre *diferentes tempos*. A concepção de paisagem é diversa e para Pellini (2011, p. 21):

Paisagens não são materialidades inertes que estão esperando para serem exploradas, da mesma forma que uma casa não é construída apenas para abrigar pessoas. Elas são contextualizadas, sentidas, cheiradas, tocadas, utilizadas nos termos da identidade individual e coletiva a partir de um conhecimento cognitivo (Pellini, 2011, p. 21)

Sendo assim, os espaços construídos sejam eles nas mais diversas camadas (simbólicas, ideológicas, fantásticas ou “materiais”) podem ser compreendidos utilizando perspectivas analíticas diferentes. Elucidar as relações humanas e a formação das paisagens a partir das diferentes arquiteturas é um desses caminhos. Assim, me aproximo das colocações de Heidegger (1954) sobre o construir em sua relação com os processos de construção das paisagens, estes que ocorrem continuamente no acontecer social. Para Nogueira (2016), ao pensar os aspectos fenomenológicos das paisagens amazônidas a partir das casas, este habitar heideggeriano que acontece em uma quadratura (terra, céu, mortais e divino) se ligam através das casas enquanto pontes, elos entre pontas.

Apresento essa possibilidade não apenas enquanto uma ferramenta para as pesquisas, mas sim enquanto um exercício de uma construção narrativa sobre elementos que para a Arqueologia é ínfimo: a casa e o cotidiano, não do caçador-coletor que se transforma em exótico aos olhos ocidentais - mas para as *nossas* formações sociais. Aqui, acredito que chego a uma reflexão interessante: o estudo das habitações na Arqueologia. Esta é uma temática explorada em diversos ramos disso que chamamos de *arqueológico*, os depósitos, as lixeiras escavadas, as paredes soterradas que nos contam (a partir de um processo interpretativo de poderio sobre uma dita verdade) sobre formas de habitar sejam elas burguesas, não-ocidentais ou *esquecidas no tempo*. Traduzindo essa crítica, argumento que o *falar* sobre casas que aqui proponho se situa a partir do processo de autoconstrução que em Arqueologia, ao pautar-se em reflexões sobre o tempo contemporâneo são de menor número. Como exemplo, o trabalho de Souza (2017) sobre comunidades sertanejas, suas casas, materialidades e paisagens; e Machado (2011), que traz em um dos capítulos de sua tese reflexões sobre as casas de populações ribeirinhas na Amazônia e suas relações com o manejo de plantas.

Aqui se encaixa o próximo e último excerto argumentativo deste tópico: o contemporâneo. Discutir tempo é uma tarefa intrigante e que ao realizá-la me deparei com

---

<sup>9</sup> Com objetivo de não soar repetitivo, utilizo tal expressão como representante também dos outros conceitos como vernacular, vernácula, popular, sem arquitetos e afins.

uma imensa quantidade de referências e divisões a serem seguidas, desde a Filosofia, Psicologia e Arqueologia. Este tempo contemporâneo é formado pela conjunção de diversos tempos que se sobrepõem, customizam-se ao formar seu instante através de uma “heterogeneidade flexível e singular” (Costa & Fonseca, 2007, p.118). É sobre um tempo que não é marcado por bordas definidas, mas que se constrói ao passo que temporalidades e desvios se unem em sua própria rítmica, que aliás não é construída pelos preceitos modernos.

Esses tempos presentes, passados e futuros (isso mesmo futuros) formam e se complementam no acontecer social dentre processos que transformam seus limites. As interpretações são pautadas nas narrativas sobre temporalidades construídas no cotidiano e que se transmutam nas casas, ruas, materialidades e representações fantásticas dos grupos sociais. Ao atribuir essas discussões à Arqueologia, exploro as possibilidades de pensarmos sobre as ações de construir, morar e habitar enquanto emersas em camadas e sobreposições temporais que se conectam.

Pensar as interações entre Arqueologia e Arquitetura ao longo dessa seção é um exercício em construção e que necessita de constantes processos de amadurecimento. Entretanto, compreendo que o fazer arqueológico, e suas particularidades, pode proporcionar diálogos que busquem o entendimento de categorias e regimes de conversação outrora inferiorizados; diálogos que diminuam assimetrias; reflexões críticas sobre suas próprias categorias. O estudo das habitações populares funda-se, além dos preceitos epistemológicos, no engajamento junto às comunidades as quais são detentoras desses conhecimentos, relações e afetos.

### **3. ARQUITETURAS PALAFÍTICAS**

As habitações conhecidas como palafitas, serão foco deste tópico visando possibilidades interpretativas sobre as dinâmicas presentes nas técnicas construtivas, relações sociais e contextos urbanos dos grupos. Para Salgado (2019) essas construções podem ser definidas na região amazônica a partir de que

A arquitetura vernácula conhecida como Palafita, denomina edificações suspensas sobre pilotis de madeira acima das águas ou terrenos passíveis de períodos de alagado e exercem extrema relação com o clima e modo de vida do local onde é possível encontrá-las. Apesar de antiga, esta arquitetura não se tornou obsoleta [...] construir sobre as águas continua sendo uma necessidade na realidade contemporânea (Salgado, 2019, p. 23).

Tanto na Arqueologia quanto na Arquitetura o estudo dessas formas de habitar tem vasta produção a partir de suas diferentes temporalidades e localizações no globo terrestre. De acordo com Navarro (2013) os sítios arqueológicos palafíticos são encontrados em diversas regiões como Itália, França, Alemanha e Suíça. Para este autor (2017) as estearias, moradias construídas sobre esteios de madeira foco de suas pesquisas na região Amazônica no estado do Maranhão, correspondem aos sítios palafíticos no Brasil e, acrescenta que os estudos dessas habitações são de menor abrangência em comparação a outras técnicas construtivas. As palafitas estão presentes em diferentes continentes como Ásia, Oceania e

Região Caribenha apresentando particularidades sobre técnicas construtivas, materiais utilizados, organizações urbanas acerca da realidade a qual se inserem (VillotaDáger, 2014).

As arquiteturas palafíticas, eixo de investigação para as proposições deste trabalho, se constituem enquanto uma perspectiva de análise para as construções em palafitas, como também a outras de caráter vernacular, que se funda em pensar as dinâmicas a elas relacionadas a partir de multidisciplinaridade e diálogos (im)prováveis. Dessa forma, é demasiado interessante pensar as palafitas a partir de um recorte que demonstre suas utilizações na história, mas que não congele e principalmente não se pautem em uma proposta difusionista sobre suas aplicações.

Vamos pensar um pouco sobre a realidade amapaense? Ou melhor, sobre as realidades de duas cidades desse estado: Santana e Macapá. Estas cidades formam a região metropolitana de Macapá (Catalão, 2009) e são os dois centros urbanos mais populosos do Estado. A região em que estão localizadas, no estuário do Rio Amazonas, é além de uma característica geográfica importante como também simbólica e ambiental. As áreas de ressaca, presentes na região “Constituem sistemas físicos fluviais colmatados, drenados por água doce e ligadas a um curso principal d’água, influenciados fortemente pela pluviosidade e possuindo vegetação herbácea (Takiyama et. al., 2012, p. 12 *apud* Salgado, 2019, p. 38)”.

Estas áreas são, em sua maioria, o enfoque dessa reflexão ao passo que nelas se fazem presentes as baixadas e pontes<sup>10</sup>. Estes lugares podem ser vistos a partir de diversas óticas de análise desde suas peculiaridades ambientais, faunísticas, botânicas, econômicas, imobiliárias, históricas, sociológicas e antropológicas. A arqueologia pode promulgar diferentes narrativas desses espaços atuando na compreensão dessas dinâmicas com enfoque nas relações presentes em tais materialidades e disposições sociais atrelando-se a tais peculiaridades (ambientais, faunísticas e etc).

Na Amazônia, o urbano é construído a partir das relações intrínsecas com o *tradicional*, assim se modificam as fronteiras entre que é o urbano e o rural. Os rios, a floresta e os costumes de lá trazidos são constituintes das regiões urbanas e reverberam sobre o acontecer citadino construindo novas práticas. As casas em palafitas nos contam sobre essas narrativas pelos passos e tropeços de cidades que são desenhadas a serpentear rios, afluentes e Igarapés. Macapá e Santana são essas cidades: que apesar de serem frutos de povoados de origem remota, são novas na Amazônia, com população em crescimento e com os cotidianos atravessados por *problemas urbanísticos*.

---

<sup>10</sup> Linguagem êmica utilizada para referir-se a essas regiões.



FIGURA 1 e 2: Croquis representando a ordenação espacial de uma casa construída sobre palafitas. Figura 1 mostra a partir da legenda em cores características do local onde esta habitação foi construída. Em vermelho, áreas secas e aterradas; em tom esverdeado áreas que eventualmente alagam; e, em azul, áreas constantemente alagadas. A Figura 2 representa uma das etapas de construção desse croqui – Acervo pessoal, 2020.

O Arquiteto e Urbanista Vitor Salgado (2019) em sua pesquisa intitulada *A PROA É VARANDA, O RIO É QUINTAL - Projeto Estação Chão d'Água e Proposta de Desenvolvimento com Turismo Comunitário na Vila Elesbão (AP)*, traz considerações sobre um dos bairros da cidade de Santana e as implicações das técnicas construtivas com a comunidade ali pertencente, a partir das reciprocidades entre a construção das casas e a construção naval. Em uma proposta pautada na compreensão dessas técnicas e propondo ações que incentivassem o turismo comunitário o autor traça reflexões importantes entre a Cidade Amazônica e suas especificidades em seus processos de urbanização, que se cruzam com questões sobre pertencimento, implementação de políticas públicas e o protagonismo da comunidade frente a suas pautas.

Outros trabalhos, entretanto, utilizam-se de um discurso intervencionista e que busca uma reapropriação do espaço urbano em dinâmicas universalizantes, como o trabalho de Costa (2015) sobre o atracadouro/região de Macapá: Igarapé das Mulheres. Nesta caminhada a autora aproxima as dinâmicas da região daquelas tidas como pertencentes a cidade universal, como crítica Agier (2015), em um discurso que *beira* agentrificação. Aqui, se exemplifica o que acredito ser uma das características das cidades contemporâneas<sup>11</sup>: as disputas.

<sup>11</sup>“As cidades [contemporâneas] são esses tempos, tramas, contextos e sujeitos em constante fluxo, movimento, [disputas] e negociações.” (Souza, 2019, p.14)

Essas disputas vão desde a luta das minorias sociais pelo seu direito à cidade, o de ir e vir como queiram, e também as óticas reformistas de projeção da cidade para *os futuros* que a esperam. Cabe ressaltar que esses *futuros*, em sua totalidade, são destinados ao ser universal: branco, heterossexual, classe média e cristão.

Minhas caminhadas se concentram nas dualidades e dicotomias do habitar a cidade, que são desfeitas pelas transformações que se sucedem ao atracar dos barcos, migrações, palafitas e pontes. A povoar as paisagens que fazem parte desse processo contínuo de fazer-cidades. Nessa trama conceitos como o *rural* e o *urbano*, *fora* e *dentro*, *individual* e *coletivo*, são recíprocos e com limites de difícil percepção, porque ora estamos na cidade universal - que higieniza e controla corpos e vivências - ora mergulhando em sistemas próprios de ser e estar.

Ao pensar a cidade de Santana, em especial, busco ainda em processos iniciais, pensar as (im)permanências do processo de urbanização. O intuito é a compreensão do habitar, morar e permanecer em uma cidade ao passo que a mesma é construída institucional, social e politicamente. Para Agier (2015, p. 484) “a cidade é feita essencialmente de movimento” e, acrescento, esse movimento ocorre ao longo do tempo, do apito do trem e dos navios<sup>12</sup>. Os bairros se alteram em uma velocidade tremenda, novas ruas, praças e relações se formam e se estagnam. As pontes somem, o terreno é aterrado, a palafita continua ou vai embora, os vizinhos são os mesmos ou muros se constroem onde antes ficava uma goiabeira em que todos os moleques da rua trepavam. E na rua de trás onde as pontes continuam, como fica? Os muros existem? E água, ainda sobe quando chove?

Viver entre o seco e o molhado, entre os discursos ambientais higienistas e as políticas públicas que marginaliza, (Souza, 2019) são outros fatores dentro desse prisma que é habitar águas urbanas. Em Santana, as ladeiras da região central dão espaço para as áreas baixas, que hoje aterradas já foram lar de pontes e palafitas, que aos olhares descuidados são ruas de conexão com menos tráfego do que as ruas altas, mas abrigam ainda por detrás de muros e construções Igarapés e casas de madeira.

Mesmo com as transformações as palafitas permanecem, elas se desenham em paisagens (em contínuos e infinitos palimpsestos) das narrativas das crianças que ali cresceram. Essa molecada, hoje adulta, narra suas vivências entre água e terra, corridas e quedas nos aguapés. É dessas permanências e ainda mais das reviravoltas que as casas, processos de construção e de habitar que fazem parte os elos que formam o acontecer social. São nessas regiões, e daquelas que ainda irei visitar, por uma cidade formada de imigrantes nordestinos e ribeirinhos, que busco compreender o que é (foi) viver em palafitas nas cidade contemporâneas.

---

<sup>12</sup> Na cidade de Santana há uma ferrovia (hoje desativada, mas em processo de reativação) e um terminais portuários consolidados.

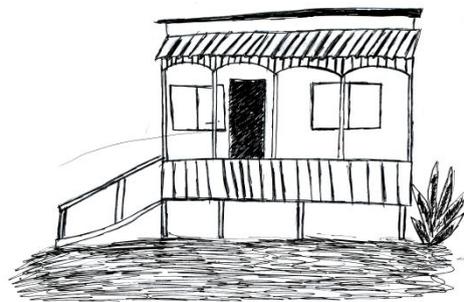
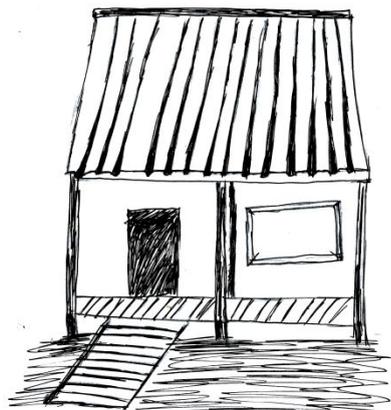


FIGURA 3 e 4: Croquis de palafitas da região de Santana, área central. Figura 3 mostra uma dessas casas construída em um nível mais próximo ao chão, enquanto a figura 4 demonstra uma dessas habitações construídas a uma distância maior do solo – Acervo pessoal, 2020.

#### 4. CONCLUSÕES

Este texto, como dito em sua Introdução, é uma investida em realizar algumas considerações sobre Arqueologia e Arquitetura Vernacular e se baseou em uma pesquisa que recentemente deu seus primeiros passos. Ao pensar as áreas de ressaca tive como intuito complementar algumas discussões presentes em meu trabalho de conclusão de curso - *Onde estão as Bacabeiras na Cidade das Bacabas? Arqueologia das Paisagens e seus Palimpsestos em uma Capital no Meio do Mundo*<sup>13</sup>-, mesmo que o cerne dessas conversas aqui não apareça (Planos Diretores e Políticas Públicas de Desenvolvimento Regional). Habitar a cidade, e suas implicações é estar imerso nos fluxos que dela fazem parte, que se estendem entre tempos, lugares, coisas, pessoas e o fazer arqueológico em contextos urbanos deve inserir-se nesse mundaréu.

Falar sobre casas é falar sobre cidade. A compreensão do que é cidade e de seus constructos é contínua e se faz e deve estar presente na Arqueologia. Mais do que um estudo *na* ou *da* cidade, *nas* casas ou *das* casas, a proposta é pensar nas sensibilidades, formas de conhecimento, poéticas e ou vívidas formas de “apenas” ser dos grupos sociais. Penso esse texto enquanto uma *arrancada* para novas caminhadas. Ou um novo serpentear de possibilidades interpretativas.

O subir e descer das águas depois de uma forte chuva, a madeira das construções com tons mais terrosos por conta do temporal a misturar-se com o cimento novo ainda esperando uma mão de tinta; os gritos de “menino sai da chuva” ou “a água do lago tá subindo, vai

<sup>13</sup> Trabalho defendido no ano de 2019, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>Dr<sup>ª</sup> Adriana Fraga da Silva.

entrar em casa”; as marcas em móveis antigos de onde o material estralou pela umidade; até mesmo as novas construções em *terra firme* que povoam diferentes e nostálgicas paisagens dos momentos de jambeiros, casarões de madeira e pontes. A cidade acontece nesses cenários, as casas constroem-se nestas cenas de cotidianos *além-nossos* e as pessoas se misturam nesse frenesi.

E é sobre tratar das casas, focando naquelas que não são vistas - que são deveras simples e recentes - para nos apoiar enquanto ser interpretativo que é enveredar nestes novos rumos!

## REFERÊNCIAS

AGIER, M. 2015. DO DIREITO À CIDADE AO FAZER-CIDADE. O ANTROPÓLOGO, A MARGEM E O CENTRO. *Maná*, Rio de Janeiro, 3(21): 483-498.

BARETTA, J. R. 2015. *Arqueologia e a Construção de Memórias Materiais da Ditadura Militar em Porto Alegre/RS (1964/1985)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Universidade Estadual de Campinas.

BARETTA, J. R. 2017. A importância da materialidade dos Centros Clandestinos de Detenção e Tortura para contar histórias da Ditadura no Brasil. *AEDOS: REVISTA DO CORPO DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UFRGS (ONLINE)*, 21(9): 109-131.

CARVALHO, B. M. 2015. *Vivienda popular en el Amazonas brasileño*. El Caso de las *ressacas* en el ciudad de Macapá. Tese de doutorado, Instituto de Investigaciones Sociales, Cidade do México, Universidad Nacional Autónoma de México.

COPÉ, S. M. 2007. Arqueologia da arquitetura: ensaio sobre complexidade, performance e processos construtivos das estruturas semi-subterrâneas do planalto gaúcho. In: *Anais do V Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio Grande: UNISUL/Instituto Anchieta de Pesquisas, 1: 1-22.

COSTA, A. C. S. 2015. *IGARAPÉ DAS MULHERES - Uma Proposta de Reabilitação Urbana*. Monografia de Conclusão de Curso, Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, Santana, Universidade Federal do Amapá.

COSTA, L. A. C. & FONSECA, T. M. G. 2007. Do Contemporâneo: o tempo na história do presente. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 2(59): 110-119.

COSTA, V. A. 2017. *As Trabalhadoras Resistem: Uma Arqueologia das Mulheres Operárias da Fábrica Rheingantz (1884-1919)*. Monografia de Conclusão de Curso, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande.

CATALÃO, I. 2009. Entre a institucionalização e a vida cotidiana: elementos para repensar o espaço metropolitano de Brasília. *Cadernos Metrópole*, 22(11): 519-544.

DEETZ, J. 1996. *In Small Things Forgotten: na archaeology of early American life*. New York: Anchor Books.

GLASSIE, H. 1990. ARCHITECTS, VERNACULAR TRADITIONS, AND SOCIETY. *Traditional Dwellings and Settlements Review*, 2(1): 9-21.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. 2006. The Past is Tomorrow. Towards an Archaeology of the Vanishing Present. *Norwegian Archaeological Review*, 2(39): 110-125.

GONZÁLEZ-RUIBAL, A. 2009. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, J; DOMINGO, I; AZKÁRRAGA, J. M. & BONET, H. (Org.). *Mundos Tribales. Una visión etnoarqueológica*, Valencia: Museo de Prehistoria de Valencia, p. 16-27.

HEIDEGGER, M. 1954. Construir, habitar, pensar (Bauen, Wohnen, Denken). In: NESKE, G. *Vorträge und Aufsätze*, Pfullingen. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

KING, A. 1980. *Buildings and Society*, essays on the social development of the built environment. Boston: Routledge-Keagan Paul.

LEITE, L. F. S. C. 2014. 'Pedacões de pote', 'bonecos de barro' e 'encantados' em Laranjal do Maracá, Mazagão, Amapá: perspectivas para uma arqueologia pública na Amazônia. Dissertação de mestrado, Instituto de Ciências Humanas, Belém, Universidade Federal do Amapá.

LIMA, R. R. 2010. Arquitetura Vernácula e Habitação de Interesse Social. *Anais do I ENANPARQ - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro: PROURB, v. 1.

MACHADO, J. S. 2011. *Lugares de gente: mulheres, plantas e redes de troca no delta amazônico*. Tese de doutorado, Museu Nacional, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MIGLIORINI, J. M. & SAHR, C. L. L. 2009. Piloti e Pans de Verres: reflexões sobre a arquitetura modernista ponta-grossense. *Revista de História Regional*, 1(14): 218-252.

MIGUEL, F. 2011. Arquitetura Popular Brasileira: um enfoque etnográfico. *Revista Habitus*, 2(9): 32-50.

NAVARRO, A. G. 2013. O POVO DAS ÁGUAS: carta arqueológica das estearias da porção centro-norte da baixada maranhense. *CADERNOS DE PESQUISA*, 3(20): 57-64.

NAVARRO, A. G. 2017. As cidades lacustres do Maranhão: as estearias sob um olhar histórico e arqueológico. *Diálogos (On-line)*, 3(21): 126-142.

NOGUEIRA, L. R. B. 2015. *Entre idas e vi(n)das do rio: o habitar poético do ribeirão no Amazonas*. Dissertação de mestrado, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Niterói, Universidade Federal Fluminense.

NOGUEIRA, L. R. B. 2016. Arquitetura vernacular e paisagem amazônica: um caminho na busca pelo habitar poético. *Revista Abordagem Gestáltica*, 2(22): 171-180.

OLSEN, B.; SHANKS, M.; WEBMOOR, T. & WITMORE, C. 2012. *Archaeology: the discipline of things*. Berkeley: University of California Press.

PELLINI, J. R. 2011. Onde Está o Gato? Realidade, Arqueologia Sensorial e Paisagem. *Revista Habitus*, 1(9): 17-31.

REIS, J. A. & CABRAL, M. P. 2018. Precisamos falar sobre tempo, cosmologias ameríndias, ontologias e outras... mas, o que é que a arqueologia tem a ver com isso? *VESTÍGIOS. REVISTA LATINO-AMERICANA DE ARQUEOLOGIA HISTÓRICA*, 2 (12): p. 35-50.

SALGADO, V. G. C. 2019. *A PROA É A VARANDA, RIO É QUINTAL* - Projeto Estação Chão d'Água e Proposta de Desenvolvimento Local com Turismo Comunitário na Vila Elesbão (AP). Monografia de Conclusão de Curso, Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, Macapá, Universidade Federal do Amapá.

SALGADO, V. G. C. & CARVALHO, B. M. 2018. Vila Elesbão: uma experiência urbana e ribeirinha na Amazônia. In: *Anais do 8º CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO PARA O PLANEJAMENTO URBANO, REGIONAL, INTEGRADO E SUSTENTÁVEL (PLURIS 2018)*, Cidades e territórios - Desenvolvimento, atratividade e novos desafios.

SALGADO, V. G. C. & CARVALHO, B. M. 2017. Habitar sobre pilotis: a moradia vernácula ribeirinha no contexto urbano da Amazônia. In: *A língua que habitamos*. Lisboa: CreateSpaceIndependentPublishing Platform, p. 80-93.

SANT'ANNA, M. 2013. Arquitetura Popular: espaços e saberes. *POLÍTICAS CULTURAIS EM REVISTA*, 2(6): 40-63.

SILVA, E. 1994. *Matéria, idéia e forma*. Uma definição de arquitetura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.

SOUZA, N. A. O. 2019. *Onde estão as Bacabeiras na Cidade das Bacabas?* Arqueologia das Paisagens e seus Palimpsestos em uma Capital no Meio do Mundo. Monografia de Conclusão de Curso, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande.

SOUZA, R. A. 2017. *Um lugar na caatinga: consumo, mobilidade e paisagem no semiárido do Nordeste brasileiro*. Tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Universidade Estadual de Campinas.

STEDMAN, S. 1996. Recent research in the archaeology of architecture: beyond the foundations. *Journal of Archaeological Research*, 4(1): 51-93.

TAKIYAMA, L. R. [et al.] 2012. *Projeto zoneamento ecológico econômico urbano das áreas de ressacas de Macapá e Santana, estado do Amapá: relatório técnico final*. / Luis Roberto Takiyama. Macapá: IEPA.

TIRELLO, R. A. 2007. ANÁLISE DE CRONOLOGIAS CONSTRUTIVAS: UMA PROPOSIÇÃO DE MÉTODO DE NATUREZA ARQUEOMÉTRICA. *Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação*, 6(1): 358-362.

VIEIRA, L. M.; ALFAIA, G. P. & SALGADO, V. G. C. 2018. Intervenções urbanas: os espaços públicos na paisagem cultural ribeirinha da Vila Elesbão (AP). In: *Anais do 5º Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto*. Belo Horizonte: Even3.

VILLOTA DÁGER, M. D. 2014. *Análisis y evaluación para la puesta en valor turística de los palafitos, vivienda vernácula en la provincia de Manabí, Ecuador*. Dissertação de Mestrado, Valencia, Universidad Politécnica de Valencia.

WEIMER, G. 2005. *Arquitetura popular brasileira*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes.

ZARANKIN, A. 2001. *Paredes que Domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista: O Caso de Buenos Aires*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Universidade Estadual de Campinas.

ZARANKIN, A. 2005. Arqueología de la Arquitectura, modelando al individuo disciplinado en la sociedad capitalista. *Revista de Arqueología Americana*, Mexico, 1(22): 25-41.

ZARANKIN, A. & NIRO, C. 2009. The Materialization of Sadism: Archaeology of Architecture in Clandestine Detention Centers (Argentinean Military Dictatorship, 1976-1983). In: FUNARI, P.P.; ZARANKIN, A; SALERNO, M. A. (Org.). *Memories From Darkness: archaeology of repression and resistance in Latin America*. Nova York, p.57-80.

ZARANKIN, A. & SALERNO, M. A. 2015. Reflexões sobre os espaços para a memória da ditadura em Buenos Aires. In: SOARES, I. V. P.; CUREAU, S. (Org.). *Bens culturais e direitos humanos*. 1. ed. São Paulo: Sesc São Paulo, p.259-290.